



UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
CURSO DE ARTES CÊNICAS E DANÇA – LICENCIATURA
MARIA DA CONCEIÇÃO RAMOS MUNIZ

**“OS SALTIBANCOS” DE CHICO BUARQUE: UMA POSSIBILIDADE
PEDAGÓGICA**

CAMPO GRANDE – MS
2017

MARIA DA CONCEIÇÃO RAMOS MUNIZ

**“OS SALTIMBANCOS” DE CHICO BUARQUE: UMA POSSIBILIDADE
PEDAGÓGICA**

Artigo Científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Artes Cênicas e Dança no Curso de Graduação em Artes Cênicas e Dança – Licenciatura da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

**CAMPO GRANDE - MS
2017**

“OSSALTIMBANCOS” DE CHICO BUARQUE: UMA POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA

MUNIZ, Maria da Conceição Ramos¹
SOUZA, Fernandes Ferreira²

RESUMO: Este trabalho propõe desenvolver uma leitura das canções do espetáculo *Ossaltimbancos*, uma fábula musical que foi traduzida e adaptada para o português por Chico Buarque de Hollanda, bem como do disco homônimo lançado em 1977, focalizando os aspectos históricos e sociais que marcam a sua realização e as temáticas abordadas pelo autor. A peça é um musical infantil com letras de Sergio Bardotti e musicalidade de Luís Enríquez Bacalov, como também músicas adicionais de Chico Buarque, inspirada no conto dos músicos de Bremen, dos irmãos Grimm, tendo ampla repercussão no Brasil. A peça lúdica é uma fábula musical destinada ao público infantil e juvenil, atribuída a literatura infantil, contudo abrangendo público diversos. Em princípio, este trabalho busca fazer a análise das canções, valorizando sua dimensão alegórica, histórica e social, pois nelas pode-se perceber diversas conotações de cunho político, na medida em que os personagens animais remetem aos problemas do mundo humano. Em um segundo momento, serão pensadas possibilidades pedagógicas para o trabalho com as canções em sala de aula no ensino fundamental I e II do 4º ao 9º ano, articulando formas de se propor atividades que tenham como perspectiva estimular os alunos a compreenderem ludicamente as questões sociais e históricas, como também, proporem estudo sobre a possibilidade de inserção da música e do teatro para contribuir na educação e formação da criança e do adolescente, sendo que a obra comporta. Para tanto, propõe-se uma abordagem histórico-crítica capaz de produzir um conhecimento significativo a partir da apreciação estética.

PALAVRAS-CHAVE: *Ossaltimbancos*; canções; análise; Pedagogia histórico-crítica.

INTRODUÇÃO

“O grande malandro da praça. Trabalha, trabalha de graça. Não agrada a ninguém, nem nome não tem, é manso e não faz pirraça”.

Chico Buarque de Hollanda. *Os Saltimbancos*: 2015. P.8.

O interesse em trabalhar com as peças do compositor, escritor, poeta, músico e dramaturgo Chico Buarque de Hollanda, sempre esteve presente na minha carreira acadêmica, pelas suas obras, que ressoam na cultura brasileira, desde 1960, colaborando com um extenso conhecimento histórico e cultural sobre

¹Autora do Artigo. Acadêmica do 4º Ano do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas e Dança pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus Campo Grande.

²Professor Me. titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Graduado em Letras Português Inglês pela Universidade do Oeste Paulista (1988) e mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2002) com pesquisa em Teatro. Tem experiência na área de Letras e Artes Cênicas, no ensino de Literatura/britânica, História do Teatro, Literatura Dramática Brasileira e Música nas Artes Cênicas, além de direção e produção de diversos espetáculos como peças de teatro e, especificamente, Teatro Musical.

o Brasil, principalmente, graças a sua criatividade agrupada à escrita coloquial que, de maneira sutil, explicita a realidade de fatos que vivíamos e continuamos a viver. Portanto, a escolha da peça *Os Saltimbancos* como tema de pesquisa do meu TCC, deve-se ao fato de trazer variáveis conotações de cunho social, na medida em que os personagens animais remetem aos problemas do mundo humano. E, também, possibilidades pedagógicas para trabalhar as leituras das canções em sala de aula, e o quão seria viável a possibilidade de complementar com a música e o teatro, para desenvolver ao estudante um aprendizado de conhecimento prazeroso. Assim, o que me motivou a trabalhar com a peça *Os Saltimbancos*, de Chico Buarque, em sala de aula, foi quando estagiei no ensino Fundamental I e Fundamental II, no qual presenciei o interesse dos alunos em produzir música, poesia e texto. Nas regências do estágio, eu e meu parceiro, dividimos os alunos em grupos de cinco e lhes entregávamos, para cada grupo, um texto para leitura, com pequenos diálogos de dramatização, no pequeno espaço que a sala de aula comportava, após a leitura, eles eram livres para fazer a interpretação do texto lido: um grupo, baseado na leitura, escreveu um pequeno diálogo colocando os seus próprios nomes nos personagens, outro grupo fez esculturas com os seus corpos e os outros três grupos usaram o próprio texto para um diálogo. E, apesar de suas limitações: crianças do 4º e 5º ano do Fundamental I, com dificuldade de leitura e interpretação, mas, demonstravam o gosto pela música e pelo teatro. Ezequiel Theodoro da Silva, pesquisador brasileiro de renome na área de leitura, diz:

[...] a prática de leitura é um princípio da cidadania, ou seja, o leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz. (SILVA, 2005, p. 24)

Neste contexto, minha preocupação e interesse pelos jovens estudantes, foi mededocar a pesquisar por peças brasileiras que, mesmo antigas, trouxessem algo atual, para o conhecimento deles de uma maneira agradável, que os despertassem para a leitura, buscassem interesses no ler, no anotar e interpretar, de maneira a trabalhar a didática de forma lúdica, e ainda se inteirando pela realidade político/social, que os cercam.

Entendo que, como pesquisadora/artista e futura orientadora, meu foco é analisar maneiras agradáveis para o desenvolvimento e o conhecimento

dessascrianças. Como diz BESSA: “[...] a pesquisa em arte ou o ensino em arte sempre voltados para a produção e transmissão do conhecimento em sala de aulas”. (BESSA-OLIVEIRA. 2016, . 2). E neste foco, desenvolver um trabalho, em sala de aula, com as canções do espetáculo *Os Saltimbancos* de Chico Buarque, num estudo de leitura e de análise interpretativo, como também a importância do teatro aliado à música, que traz o lúdico e o alegórico, o brincar representado na dramatização do teatro. Propor em sala de aula, atividades para estimular os alunos, a compreender ludicamente, as questões sociais e históricas que a obra oferece. Fazer com que eles despertem sua intelectualidade, seu raciocínio para o conhecimento, trazer-lhes a realidade que permeia a nossa história, ampliando sua visão para o conhecimento em defesa de seus direitos e, assim, proporcionar-lhes sucesso. Bessa diz também:

[...]. Por mais atrasado que seja esse repertório teórico que o professor se utiliza dele em suas aulas, mas se ele crer na potência da produção do conhecimento deste material, o professor deve estar sempre assentado na teoria para produzir conhecimento a partir do conhecimento; porque é apenas a partir dela que o acadêmico consegue retirar possibilidades de utilização da sua prática artística, pedagógica ou de pesquisa em arte para a sala de aula, o que é fundamental. Isso sim resolveria a dicotomia entre ser artista ou ser docente em cursos de formação em Arte. (BESSA-OLIVEIRA. 2016, p. 3).

E é neste pensamento de pesquisa que, o aluno, ao utilizar a análisedas canções, possa conhecer, um pouco, os sérios problemas que o Brasil enfrentou e enfrenta até hoje. Muitas crianças, ainda, desconhecem o que ocorre em seu país e, o futuro delas, será alicerçado no construir delas, hoje, no conhecimento delas, hoje.

Proponho, também, um estudo para a inserçãodo teatro e da música, em sala de aula,ou em outro espaço com maior comodidade,proporcionando ao aluno, maiordesenvolvimento imaginário, despertarcom aptidões seu lado criador, não com o intuito de formá-lo em artista, e sim, apenas, para seu conhecimento, terem uma reflexão madura, de uma forma descontraída, pois, não será desconsiderado o lado fantasiosoda peça infantil*OsSaltimbancos*, que tem sua importância, mas, refletir sobre as questões que essa literatura infantil brasileira nos traz com seus valores estéticos, mesmo desvalido de seu contexto de produção.

Análise das canções Os Saltimbancos

Francisco Buarque de Holanda, nasceu no Rio de Janeiro em 1944, de compositor a poeta, canta o cotidiano, transmite-nos um pensamento: um artista que pensa a arte. Um artista do passado que remete às crianças e jovens de hoje sua influência na sociedade brasileira. Chico Buarque, através de suas canções, expressa aquilo que o incomoda. No Brasil, ele foi censurado, mas, driblava a censura alegoricamente, na época da ditadura militar. Para Adriano de Paula Rabelo, (1998), Chico Buarque, sempre contestou sobre as questões de opressão dos conflitos e da falta de liberdade de expressão, que a época trouxe. Entendo que ele enfrentou a censura com ousadia, ao expor em seus textos um linguajar, figurativo. Em suas composições, Chico aponta os aspectos sociais, econômicos e culturais em protesto ao poder político-sociais e a desvalorização do ser humano, num período considerado o período das sombras no Brasil – 1964 a 1985 - proposto por Marcos Antônio Bessa-Oliveira (2010 p. 59 e 60), em que o poder do governo militar ditava as regras, impedia várias formas de expressão artísticas, em destaques o cinema, o teatro, a literatura e as artes plástica, por não condizer com as ideias da classe dominadora e, neste olhar Bessa cita um comentário de Dílson César Devides:

[...] foi isso que a ditadura, com seus censores, conseguira fazer: sumir com pessoas ativas que não se calavam; coibir manifestações de reprovação contra o governo; impedir que artistas cantassem, escrevessem, encenassem, pintassem qualquer coisa que não fosse em acordo com o regime [...]. (DEVIDES, 1970, p. 33)

E, contrariando, tais doutrinas militares, num momento histórico do Brasil, Chico Buarque, em 1977, faz a tradução e a adaptação para o português, bem como o disco homônimo, da peça *Os Saltimbancos*, uma fábula musical, focalizando os aspectos históricos e sociais que marcam a sua realização e as temáticas abordadas pelo autor. A peça é um musical infantil com letra do italiano Sérgio Bardotti e musicalidade de Luís Enríquez Bacalov, como também músicas adicionais de Chico Buarque, inspirada no conto dos músicos de Bremen, dos irmãos Grimm. De acordo com Adriano de Paula Rabelo, (1998), quanto ao enredo em sua dissertação, a adaptação feita por Chico Buarque é bastante fiel ao conto de Grimm. Apenas, ele empregou mudanças na composição dos personagens e na

linguagem teatral e brasileira. No conto dos irmãos Grimm, os personagens animais são machos, e Chico em sua peça coloca duas fêmeas, a galinha e uma gata; o jumento e o cão continuam machos. Para Rabelo, talvez pelo fato que a peça foi escrita num tempo em que as mulheres já haviam conquistado seu espaço, saindo para o mundo em busca de dignidade.

Na peça de Chico Buarque, conforme decorre no texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, ‘*Os Saltimbancos*’, (2015), onde o caminho que os personagens-animais percorrem, eles encontram uma casa que é ocupada pelos barões, seus antigos donos, já no conto dos irmãos Grimm, os barões são um bando de ladrões que ocupam a casa encontrada pelos animais na floresta.

A peça lúdica conta com um coro de crianças intervindo nos momentos musicais, cantando e dançando como os bichos. Destinada ao público infantil e juvenil, atribuída a literatura infantil, porém abrangendo público diversos. Sua linguagem tem característica marcante pela expressão, mais pelos jovens, do português falado no Brasil. Nos anos 70 usava-se muita gíria como: crista da onda, epa, bacana, legal, chiar, caramba, pra, cadê, quando a porca torce o rabo, pagar o pato, e muitas outras.

Neste presente trabalho de pesquisa, transcorro a forma, que é exposta no texto da peça *Os Saltimbancos* de Chico Buarque, (2015), visto que os personagens-animais são: o Jumento, o Cão, a Galinha e a Gata, resolvem fugir do domínio dos patrões que os exploram. A encenação já começa com a canção “Bicharia”, que cantada pelo coro das crianças e os animais, contando a história onde os bichos não viviam bem, afirmando e negando as qualidades dos bichos:

O animal é tão bacana
mas também não é nenhum banana
Au, au, au. Hi-ho, hi-ho.
Miau, miau, miau. Cocorocó.
[...]
Era uma vez (e é ainda),
certo país (e é ainda),
onde os animais eram tratados
como bestas (são ainda, são ainda).
como bestas (são ainda, são ainda).
Tinha um barão (tem ainda),
Espertalhão (tem ainda),
nunca trabalhava e então achava
a vida linda (e acha ainda, e acha ainda).
O animal é paciente,
mas também não é nenhum demente.

Quando o homem exagera
 bicho vira fera.
 E ora vejam só.
 Au, au au. Cocorocó.
 Puxa, jumento (só puxava).
 Choca, galinha (só chocava).
 Rápido, cachorro, guarda a casa,
 Corre e volta (só corria e só voltava)
 Mas chega um dia (chega um dia)
 Que o bicho chia (bicho chia).
 Bota pra quebrar e eu quero ver
 Quem paga o pato,
 Pois vai ser um saco de gatos.
 (...)
 Quando a porca torce o rabo,
 Pode ser o diabo. (BUARQUE, 2015, p. 32-33)

O Jumento, assim, reclama: “Não sou disso não, mas me deu uma vontade retada de chorar... e chorar e chorar aos soluços. E pensava com meus borbotões:

[...] O pão, a farinha, o feijão, carne-seca,
 Limão, mexerica, mamão, melancia,
 a areia, o cimento, o tijolo, a pedreira,
 quem é que carrega? Hi-ho.
 Jumento não é,
 Jumento não é,
 o grande malandro da praça.
 Trabalha, trabalha de graça.
 Não agrada a ninguém,
 nem nome não tem,
 é manso e não faze pirraça.
 Mas quando a carcaça ameaça rachar,
 Que coices, que coices, que coices que dá.
 Hi-hoooooooooooooooooooo. (BUARQUE, 2015, p. 8)

Os Saltimbancos, uma fábula musical escrita há 40 anos atrás e tão presente atualmente em nosso país: desvalorização dos artistas, do alguém que não é ninguém, que madruga levando na mochila o pão a farinha e o feijão, para dar duro na construção de um país que o exclui, que o rejeita.

A peça decorre com os in-sensíveis padrões capitalistas que, distanciados do amor, exigem só produção dos animais, com trabalhos injustos e árduos, desmerecidos de alimento, desvinculação do livre-arbítrio, submissão ao domínio de posse e o expurgo, por se tornar obsoleto. Portanto, o Jumento na busca de superar e fugir dessas dificuldades e injustiças, sobrevém o sonho de ser artista. E num desabafo fala: “Quando alguém não sabe fazer nada, nada mesmo, pode ser artista” (p. 10). Mas, esta busca pela arte pode ser uma possibilidade de restaurar um mundo mais humano. Lembra o talentoso escritor Cássio Hissa, (1954):

Para se dizer algo acerca do amor pelo mundo, será preciso dizer, também, algo acerca da nossa capacidade de indignação diante do desamor pela vida, das injustiças e desigualdades, da violência e de todas as espécies de barbárie. Há amores de todos os tipos e o amor poderia estar em toda parte. Mas não está. Quando não está é porque nos foge a arte de viver? A sabedoria de viver com arte? [...] (HISSA, 2013, p. 18)

Da época em que Hissa escreveu sobre as injustiças, desigualdades e barbárie, Chico Buarque, de uma forma comparativa, contrapõe a opressão sofrida pelos trabalhadores. Para os personagens-animais, do *Os Saltimbancos*, começa sua história em busca pela liberdade, não lhes fugiu a arte de viver, seguem afim de lutar pelo que haviam de direito: liberdade, justiça, dignidade. O Jumento sabido, sonha em ser artista e segue planejando uma maneira de viver com arte. E nessa caminhada pela cidade afora, encontra com um cão, escondido num buraco a dormir com sonhos terríveis, pesadelos de cão, todo esfarrapado, com aparência de quem chegou da guerra. O Jumento o convida para a nova jornada: Ei, cachorro, acorda. O Cachorro: Sim, senhor, é pra já. Todo submisso:

Apanhar a bola-la,
estender a pata-ta,
sempre em equilíbrio-brio,
sempre em exercício-cio.
Corre, cão de raça, corre, cão de caça,
Corre, cão chacal.
Sim, senhor.
Cão policial,
sempre estou
às ordens, sim, senhor.
Bobby, Lulu,
Lulu, Bobby,
Snoopy, Rocky
Rex, Rintintin.
Lealdade eterna-na,
não fazer baderna-na,
entrar na caserna-na,
orabo entre as pernas-nas. volta, cão de raça,
volta, cão chacal. [...] Fidelidade
à minha fardam sempre na guarda do seu portão. Fidelidade
à minha fome, sempre mordomo e
cada vez mais cão. (BUARQUE, 2015, p. 10)

Esta canção do Cão, retrata o soldado que serve a seu país, sempre obediente, mas de pouco valor quando afastado, alguns lutam na guerra e quando voltam não têm mais sossego, a depressão os levam a vagar pelas ruas e suas noites são terríveis com pesadelos de cão, outros nem voltam, morrem defendendo interesses políticos que nem sempre tem o respaldo esperado.

Seguindo em frente, o Jumento e o Cão, aparece a Galinha que diz: três animais cantando juntos, acho que vai ser mais fantástico, vocês me levam? O Jumento se esquivou perguntando: Você também fugiu? Por quê? A Galinha triste responde: não consigo mais botar ovos. E canta num lamento:

Todo ovo
que eu choco
me toco
de novo.
Todo ovo
E a cara,
éa clara do vovô.
Mas fiquei bloqueada e agora, de noite,
só sonho gemada.
A escassa produção alarma o patrão.
As galinhas sérias jamais tiram férias.
“Estás velha, te perdoo, tu ficas na granja
em forma de canja”. Ah!!!
É esse o meu troco por anos de choco.
Dei-lhe uma bicada
e fugi, chocada.
Quero cantar na ronda,
na crista da onda.
Pois um bico a mais só faz mais feliz
a grande gaiola
do meu país. (BUARQUE, 2015, p. 12-13)

O que será que esta canção da galinha quis dizer: “um bico a mais só faz mais feliz a grande gaiola do meu país”? A Galinha não produzindo é extinta, excluída. Mas, e a “grande gaiola do meu país”?

O jumento animado, pois já não estava mais sozinho, diz: Sabe o que eu digo a vocês? Começo a me sentir melhor, agora que somos três. – Qua-qua-Quatro. Somos quatro, diz uma Gata em cima de uma árvore. O diálogo entre eles começa com o Cachorro assustado: Epa, quem falou? Quem está aí? A gata responde, toda dengosa: Estou aqui na árvore, sou uma gatinha. O Cachorro ainda mais agitado: Au, au, au. O Jumento intervém acalmando: Calma, Cachorro, espere aí e não faça mais isso, entendeu? O Cachorro obediente responde: Sim, sim, senhor jumento. O Jumento continua: Primeira lição do dia: “O melhor amigo do bicho é o bicho”. E você, gata, desce da árvore. A Gata toda arrepiada: Nãoooooooooooooooooo, depende do programa. A Galinha responde animada: Nós vamos à cidade, vamos fazer um conjunto. Você também sabe cantar? A Gata: Ah! Sim, infelizmente! O Jumento: Como? Infelizmente? A Gata responde: Porque fazer um som não foi nada joia pra mim. Cantar uma música me custou muitíssimo.

Jumento, Galinha, Cachorro: Ah! Conta:

Me alimentaram
 me acariciaram,
 me aliciaram,
 me acostumaram.
 O meu mundo era o apartamento.
 Detefon, almofada e trato,
 todo dia filé-mignon
 ou mesmo um bom filé... de gato.
 Me diziam, todo momento:
 Fique em casa, não tome vento.
 Mas é duro ficar na sua
 quando à luz da lua
 tantos gatos pela rua
 toda a noite vão cantando assim:
 Nós, gatos, já nascemos pobres,
 Porém, já nascemos livres.
 Senhor, senhora, senhorio,
 Felino, não reconhecerás.
 De manhã eu voltei pra casa,
 fui barrada na portaria, sem filé e sem almofada,
 por causa da cantoria.
 Mas agora o meu dia a dia
 É no meio da gataria Pela rua virando lata.
 eu sou mais eu, mais gata, numa louca serenata,
 que de noite sai cantando assim:
 Nós, gatos, já nascemos pobres,
 Porém, já nascemos livres.
 Senhor, senhora, senhorio,
 felino, não reconhecerás. (BUARQUE, 2015, p. 14)

Esta canção da Gata, pode-se comparar com a criança que não conhece a fome, a falta de um teto, estudam nas melhores escolas particulares, com a criança que dorme na rua, sem lar, sem escola, seu ensino é na rua, ou mesmo, aquela criança que frequenta a escola pública, mas, só se anima em ir à escola porque lá vai ter alimento, isto quando tem, pois, lhe falta o alimento em casa. Um outro olhar, também, é o artista que é barrado pela censura pela maneira de se expressar, tanto na escrita, quanto na fala.

Os animais aceitam a Gata no grupo, e lá vão eles cantando, cada um com seu sonho de ter uma cidade ideal, menos o Jumento, em alerta. O cachorro sonha com um local onde “haja um poste por metro quadrado”; a cidade ideal da Galinha tem as “ruas cheias de minhocas”; o coro de crianças sonha com a cidade onde “corre-se a toda velocidade e que o negócio está preto com restaurante assando galeto”; a Gata, sua cidade ideal, é “um prato de tripa fresquinha, sardinha num bonde de lata e alcatra no final da linha”. O Jumento, velho e sabido, pondera alertando sobre a cidade real: a cidade é uma estranha senhora que hoje sorri e a

manhã te devora. Todos, crianças e os animais, sonham com a cidade de seus amores com alamedas verdes onde o prefeito, os moradores, os varredores, os pintores e vendedores fossem crianças.

O Jumento chama todos para o ensaio musical, ninguém conhece as notas, a Galinha diz que conhece três notas, a Gata já diz que são umas trinta e nove notas. O Jumento até tenta tocar as escalas para que eles cantem as notas, mas vira a maior confusão. Cada um começa a fazer trocadilho, a Gata começa a cantar “fá, faró, faró, faró, faró, fá, fá, fá”. O Jumento reclama que o ensaio não é brincadeira, é música. A Galinha pede para tentarem de novo. O Jumento diz: tá bem, repitam comigo, dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Assim, juntos entoam o canto “Minha canção”, cantada em uma sequência das notas, “dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó”, elevando a liberdade solidaria ao ‘irmão’ cheio de esperança.

Cansados procuram uma hospedagem para descansar e depois seguir viagem. Avistam uma pensão que se chama: Pousada do Bom Barão. Meio desconfiados e decepcionados vêem a placa que diz: “proibida a entrada. Exijo gravata e dados pessoais. Proibido aos mendigos e aos animais”. Indignados e sentindo excluídos, reclamam por desacato, desrespeito, indignação. As crianças intervêm pedindo que eles olhem pela janela. Quando os quatro olham pela janela... que surpresa, os quatro patrões deles estavam lá no salão e o patrão da Galinha estava com um trabuco. As crianças assustadas querem ir embora dormir no mato. Contudo, todos estavam cansados de ter toda razão e nenhuma comida. Começa a canção “A batalha” (instrumental). Os quatro juntos, entrelaçados de braços dados, chutaram aqueles safados para fora do teatro.

O grito de vitória aconteceu, conseguiram amedrontar e expulsar os barões. Juntos e unidos, se fortaleceram, fizeram a diferença, sem medo. Cantam a canção “Todos juntos”:

Uma gata, o que é que tem?
 - As unhas
 E a galinha, o que é que tem?
 - O bico
 Dito assim, parece até ridículo
 um bichinho se assanhar.
 E o jumento, o que é que tem?
 - As patas.
 E o cachorro, o que é que tem?
 - Os dentes.
 Ponha tudo junto e de repente
 Vamos ver o que é que dá.

Junte um bico com dez unhas,
 Quatro patas, trinta dentes,
 e o valente dos valentes
 ainda vai te respeitar.
 Todos juntos somos fortes,
 Somos flecha e somos arco,
 Todos nós no mesmo barco,
 Não há nada pra temer.
 - Ao meu lado há um amigo
 Que é preciso proteger.
 Todos juntos somos fortes,
 não há nada pra temer.
 Uma gata, o que é que é?
 - Paciente.
 Não é grande coisa realmente
 pr'um bichinho se assanhar.
 E o cachorro, o que é que é?
 - Leal.
 E a galinha, o que é que é?
 - Teimosa.
 Não parece mesmo grande coisa,
 vamos ver no que é que dá.
 Esperteza, paciência,
 lealdade, teimosia,
 e mais dia, menos dia,
 a lei da selva vai mudar.
 Todos juntos somos fortes,
 somos flecha e somos arco,
 todos nós no mesmo barco,
 não há nada pra temer.
 - Ao meu lado há um amigo
 que é preciso proteger.
 Todos juntos somos fortes
 não há nada pra temer.
 ... E no mundo dizem que são tantos
Saltimbancos como somos nós. (BUARQUE, 2015, p. 26-27)

Com o 'bota fora' dos barões, dormiram felizes o sono dos justos. Agora estabelecidos numa casa bonita, a horta cheia de boas verduras, não era mais importante ir à cidade, não eram lá grandes músicos, agora teriam que conseguir defender a casa, ficarem atentos, pois, "os homens voltam sempre". De tempos em tempos, os barões sempre voltam para oprimir e tomar posse do lugar e, para que se tenha liberdade, é preciso ficar sempre em alerta.

Infelizmente, eles sempre voltam, mas os animais estão preparados, cada um no seu esconderijo, esperando para a defesa.

O diálogo do ladrão que retorna à casa na floresta, no final do conto dos irmãos Grimm, é recriado com a volta dos barões na Pousada. Imaginamos que a atitude dos animais, se preparando para se defenderem, não foi uma atitude covarde, eles tinham dignidade e não iriam fugir ou se deixar capturar para morrerem no cativeiro, iriam enfrentar, lutar pela liberdade, pelo direito de ter e ser.

Outra vez, Devides (apud Bessa, 2010, p. 61 e 62):

[...] parece ser essa atitude que buscavam os artistas da época. Não admitiam a passividade e pretendiam, dentro das brechas que a censura deixava e do que os recursos linguísticos oferecem, trazer um pouco de conscientização à massa trabalhadora alienada e oprimida em prol do crescimento nacional [...] (DEVIDES, 1970, p. 26)

Nova batalha começa com a canção “Esconde, esconde”. O diálogo do ladrão que retorna à casa na floresta no final do conto dos irmãos Grimm, é recriado com a volta dos barões na Pousada:

Crianças: Esconde-esconde,
Cabra-cega,
ta aqui? Ou lá?
Gata: Tou escondida aqui na adega
Você não para
Vai pensar
Que tem uma bruxa que te arranha bem na cara.
(...)
Cachorro: Vem chegando, meu barão
tou atrás do teu portão.
Vais tomar uma lição
Se te aproximares vai pensar
Que tem um diabo te mordendo os calcanhares.
Crianças: Tá escondido no curral,
Não vai ser muito legal,
Quem é? Quem é?
Tá aqui? ou lá?
Jumento: Venha, venha, meu rival
Tou escondido no curral não vou ser muito legal.
Se sair dos trilhos
Vai pensar
Que tem um fantasma que te chuta os
Fundilhos.
Galinha: Venha, venha, co’o trabuco
Tou escondida atrás do cuco
Preparando uma arapuca.
Se tu me cutuca,
vai pensar
Que tem um dragão te dando uma bicada na tua cuca.
(BUARQUE, 2015, p. 28-30)

Novamente, venceram a batalha, os “ex-patrões” desistiram, cederam. E, finalmente, os personagens-animais, cantam, outra vez, a canção “Todos juntos”.

Felizes e despreocupados, não veem mais necessidade de ir à cidade, porque na nova morada, eles trabalham para seu próprio sustento, fazendo a comidinha e sempre de sentinela. A Gata meio preguiçosa, espicha na almofada e canta coisas bonita alegrando a turma. Assim diz o Jumento: Ela sim, virou realmente uma su... uma... su, como é mesmo? - Gata: Uma superstar!

A peça termina como começou, com a canção da “Bicharia”, onde é exposto a opressão e a revolta pela exploração no trabalho. Lembrando que lutar contra a exploração, a falta de reconhecimento e o desrespeito, sempre fará parte de todos os saltimbancos do mundo.

A música transcorrida em toda peça, não é somente um meio para distração e entretenimento, mas algo valioso para ser usado como meio de aproximar o aluno dos conteúdos estudados em sala de aula. É o que afirma Ferreira (2010), quando diz que:

[...] a persuasão e a eficiência da música no ensino não se questionam, mas, além de tal técnica de ensino nunca ter sido formalizada, a não ser com relação a alunos com algum tipo de deficiência, não devemos nunca esquecer que a música, nem por sonho, restringe-se apenas a isso. Trata-se de uma arte extremamente rica e dispõe de farto e vasto repertório acessível em qualquer lugar do nosso planeta [...] (FERREIRA, 2010, p. 26).

Segundo Ferreira, a música auxilia na aprendizagem podendo ser aplicada em várias disciplinas, pois retrata de forma bastante criativa.

Contado pelos meus avós, que desde a Antiguidade, a música já existia através de ruídos, murmúrios e, com o passar dos anos veio a linguagem e a escrita. A música, no ensino é de fundamental importância para a criança desembaraçar sua timidez, pois, a música é uma linguagem que sempre esteve presente no cotidiano da criança, desde pequenino.

Assim, para a análise das canções de *Os Saltimbancos* de Chico Buarque, propostas em sala de aula, com atividades interpretativas, beneficiará o aluno a compreender as questões sociais que as canções trazem, despertar seu raciocínio para se ter o conhecimento de como interpretar o significado que as canções propõem. Ampliando a visão do aluno para um conhecimento significativo, ser um apreciador estético capaz de compreender o que a obra comporta sobre as questões sociais e históricas, através da história, de bichos, dos personagens animais, em que, o autor muda os personagens num sentido figurativo. Desta forma, o aluno se interessará pela escrita de composições, podendo desenvolver seu lado poético. Concordo com Hissa, no seu discurso sobre a discriminação do exercício da escrita: (2013): [...] “no âmbito da ciência convencional, muitas vezes, o propósito é o de discriminar o exercício de escrever”. [...] a presença do pensamento que se organiza e se fortalece através da escrita. (HISSA, 2013, p.

182). A ciência convencional precisa restabelecer novos direcionamentos, pois é através da escrita que registrará o pensamento, organizar as ideias, escrevendo e re-escrevendo textos de acordo com a interpretação.

Como já mencionado, *Os Saltimbancos de Chico*, escrito em 1977, numa época que não havia liberdade de expressão, traz canções que reportam, de uma maneira divertida, de forma figurativa, através de seus personagens animais, os problemas do mundo humano com diversas conotações de cunho político. E a seriedade de trazê-las para a sala de aula, onde se encontram alunos ainda na adolescência, é de grande importância, pois é nessa fase que o aluno começa a se inteirar, perceber as situações políticas de seu país e através de boas leituras, orientados por professores, desenvolverão suas escritas, e até mesmo, o lado artístico que existe dentro de cada um. E mesmo que lhes tirem a liberdade de expressar a realidade, eles saberão como exprimir, que seja, através da escrita de uma canção, uma poesia, pintar um quadro, esculpir uma obra, transformar e representar em teatro, etc.

De acordo com Saviani (2011) “[...] A escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico”. (SAVIANI, 2011, p. 80). Portanto, contribuirá para que o aluno compreenda, criticamente, o contexto social e se ostente como cidadão.

Escrever canções, poesias, leva a imaginação do aluno muito além dos horizontes. Fazer e ser é falar de amor, de esperança, é navegar na sensibilidade da alma descobrindo as fantasias da intimidade oculta, é ter liberdade de expressar sentimentos, é passar para nossa gente, que sonhar ainda nos dá felicidade, pois o corpo sedento busca pela paz. (HISSA, 2013, p. 18), fala sobre a beleza de viver com arte, com sabedoria: “É arte de se abrir e de se educar para as possibilidades, todas, de diálogo. É arte de valorizar a vida a partir de valores que negam aqueles que fazem com que a vida se esvaia”.

Entendo que ao conviver com a música e o teatro, na escola, a criança fortalecerá seu lado criativo, desenvolvendo sua capacidade de expressar de forma íntegra, ao brincar com a música, imitando, inventando e até reproduzindo letras musicais, como pequenas peças com expressividade corporal e socializando mais, com o outro. E o papel da análise das canções *Os Saltimbancos* de Chico Buarque, como um recurso didático, é uma estratégia para motivação, aguçar a imaginação

do aluno despertando a sua sensibilidade para que possa re-inventar, re-escrever as letras apresentadas, expressando seu lado cognitivo.

Conclusão

Desde o segundo semestre de 2016, me propus a pesquisar as canções do espetáculo *Os Saltimbancos*, de Chico Buarque, por ser um musical divertido e que traz canções que podem ser analisadas com várias interpretações. O aluno terá a possibilidade de conhecer a carreira musical e teatral de Chico, e o quanto suas canções retratam a brasilidade de nosso país. Chico Buarque se destacou muito cedo na vida artística. No site *opiniaoenoticia*, diz que Chico Buarque escreveu sua primeira canção aos 16 anos, e aos 22 anos venceu o Festival de Música Popular Brasileira, já se interessava por escrever suas inquietações que não se calava, como cidadão brasileiro.

A leitura da peça, *Os Saltimbancos*, me sensibilizou com a sua maneira de colocar as palavras que remetem vários significados. E com isso, me pergunto: Por que não levar as canções para análise, como um trabalho instrutivo? E, no qual, o aluno possa brincar com as letras: fazer leitura e re-leitura das canções, refletir sobre o porquê de as canções trazerem personagens-animais e falarem sobre divergências do seu país. Como também, me proponho a estudar uma forma de complementar, às análises das canções, a música e o teatro que poderão proporcionar para a criança-juvenil, estímulos importantes para seu conhecimento e apreciação, e até mesmo, poder descobrir seu lado artístico. O que a criança-juvenil, dentro da sala de aula, precisa para aprender sobre relações pessoais? Não seria fantasiar, imaginar?

A minha proposta do teatro e a música, como instrumento pedagógico, acrescentada às leituras das canções, possibilitaram estímulos novos para os alunos, ao encenar a peça, numa maneira lúdica do faz de conta, tanto do fundamental I, quanto o fundamental II, que de acordo com RCNEI, p. 22, o aluno ao se inteirar na partilha de espaço com o outro, descobrirá que não é o único no mundo e através do contato com o outro, vivenciando esta proposta, descobrirá os seus sentimentos e fantasias, podendo juntos, construir conhecimentos, cultivar novas ideias.

Na peça *Os Saltimbancos*, seu teatro é simples e descontraído, não requer grandes espaços, então, pode-se pensar, em sala de aula, ou acordar um espaço diferente junto ao estabelecimento escolar.

É importante o despertar do aluno para o “viver bem” descobrir novos significados, novas etapas de domínio do mundo, perceber o que acontece a sua volta, para que num futuro próximo, possa formar um novo conceito de si mesma e do outro.

As canções da peça *Os Saltimbancos*, seria um começo, um estímulo para abordarem outras fontes de pesquisas com obras importantes como essa, que trazem admiráveis materiais pedagógicos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriely Apolinário de. Todos juntos somos fortes [manuscrito]: a representação do trabalho n'os Saltimbancos, de Chico Buarque. / Adriely Apolinário de Andrade. – 2013.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “Artista, professor, pesquisador: uma matéria em questão nas artes”. ACADÊMICOS DO 4º ANO; SALVADOR, Gabriela; ANDRADE, Dora. (Orgs.). IV JART – Jornadas de Artes Cênicas, 2016 – “O artista docente”. Curso de Artes Cênicas e Dança. Unidade Universitária Campo Grande – UUCG, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Realizada nos dias 9, 10 e 11 de junho de 2016, p. 1-10.

_____. Marcos Antônio. Ensino de Artes X Estudos Culturais: para além dos muros da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 158p.

CARVALHO, Gilberto de. Chico Buarque: análise poético-musical. Rio de Janeiro, Codreci, 1982.

DEVIDES, Dílson César. 30 anos de rock: Raul Seixas e a cultura brasileira: (de 1970 à contemporaneidade). 1, ed. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007.

FERREIRA, Martins. Como usar a música em sala de aula. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Entrenotas: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. (Humanitas)

HOLLANDA, Chico Buarque de. Os saltimbancos. São Paulo: Global, 2002.

_____. Buarque, Chico, 1944 - Os saltimbancos / [tradução e adaptação] Chico Buarque; [texto original] Sergio Bardotti; [música] Luiz Enríquez Bacalov; [ilustrações] Ziraldo. – 9. Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

RABELO, Adriano de Paula, 1968 – O teatro de Chico Buarque / Adriano de Paula Rabelo – São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (Dissertação de mestrado), 1998.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. Referencial curricular nacional para educação infantil/Ministério da Educação o do Desporto, secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume: 2.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.10ª edição. São Paulo: Ed. Autores Associados, 2008.

_____. Dermeval. História das Ideias Pedagógicas no Brasil. 3. Ed. Ver. Campinas; São Paulo: Autores Associados, 2011 (Coleção memória da educação).

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leituranascolae nabiblioteca.Campinas: SP: Papyrus, 2005.

Notas

https://www.ebiografia.com/chico_buarque/

<https://www.uai.com.br>

www.opinioenoticia.com.br/cultura/chico-buarque

www.webartigos.com

ANEXOS:

Foto da capa do disco “Os Saltimbancos”



No Estágio obrigatório II: alunos do 6º ano do Ensino Fund. II entusiasmados e concentrados com as leituras de textos teatrais.





Na dramatização, através das leituras, os alunos demonstraram muita dedicação e descontração.

